

DECLÍNIO DA FUNÇÃO SOCIAL DA IMAGO PATERNA: SE O PAI NÃO EXISTE, TUDO É PERMITIDO?

Joice Otávio Ponce

Fazendo um paralelo com a famosa interrogação de Dostoiévsk “se Deus não existe, tudo é permitido?”, acredito que seja possível pensar o declínio da função social da imago paterna na atualidade. Roudinesco em seu livro “A Família em Desordem” nos fala sobre o processo histórico de destituição do pai, que se revela “não mais por um pai despojado de sua potência divina, depois reinvestido no ideal econômico e privado do *pater familias*, mas por um filho que se tornou pai porque teria recebido como herança a grande figura destruída de um patriarca mutilado (p.42)”.

Mas como chegamos até aqui? O lugar da imago paterna foi sendo modificado de acordo com o declínio das instâncias de autoridade elegidas pela cultura. O discurso religioso foi perdendo sua hegemonia a partir do desenvolvimento da ciência, que passou a dar respostas sobre o homem e a natureza que antes eram respondidas através do divino. Em seguida, a produção de conhecimento científico também começou a ser vista como ferramenta para o desenvolvimento econômico e tecnológico, pontapé para a industrialização e conseqüentemente para o sistema capitalista neoliberal que conhecemos hoje.

O declínio da imago paterna dentro das famílias seguiu a mesma tendência observada externamente. Deus-Pai foi destituído de sua onipotência, sendo obrigado a dividir seu lugar com uma esposa mais consciente sobre a desigualdade de gênero. A escolarização das crianças, a entrada da mulher no mercado de trabalho e o advento da pílula anticoncepcional, são alguns dos acontecimentos que transformaram radicalmente os relacionamentos conjugais e parentais. Em resumo, transformações marcadas por

maior liberdade individual, horizontalidade nas relações e ampliação das possibilidades de vida.

Conforme o que é antigo tornou-se inadequado, rígido demais, suspeito, “cringe” e digno de rechaço, o sujeito se viu livre. Mas de qual liberdade se trata?

“De uma liberdade desligada de responsabilidade. Isso comporta o apagamento da própria origem, das próprias raízes, do débito simbólico para com o Outro. O fantasma da liberdade rejeita, junto com a experiência do limite, a descendência, a própria experiência da filiação, recusa a condição de sermos filhos (Recalcalt, p. 49).”

O que ocorre diante do declínio da função da imago paterna na vida social é um novo tipo de aprisionamento do sujeito, agora não mais por agentes externos, mas por si mesmo em seu ideal e delírio de autonomia. Byung-Chul Han, filósofo Sul-Coreano, sustenta esse argumento ao dizer que na passagem da sociedade disciplinar para sociedade do desempenho e do cansaço, o sujeito sofreu coerções que lhe fizeram acreditar que a satisfação plena pode ser atingida se formos bons empresários de nós mesmos.

Quando a noção de produtividade extrapolou o contexto do trabalho, contaminando nossa existência com o sentimento de insuficiência e enfraquecendo nossos vínculos pela intolerância a frustração que é inerente ao contato com a alteridade do outro, o modo de operação capitalista passou a ser a alternativa para lidar com a falta. Contudo, a lógica do gozo irrefreado através do consumo de mercadorias, corpos, alimentos, medicamentos e substâncias, não é simbólica. Tampas para as dores humanas vendidas sob a promessa de felicidade plena para todos e compradas com apenas um clique para não enfrentar o trabalho de descobrir o que é bom para si mesmo. Protótipos de vida cada

vez mais rígidos que vestem a fantasia da liberdade de escolha, mas que podem ser assimilados como uma nova roupagem da normatividade.

O casamento não depende mais da figura do santo casamenteiro para escolha do cônjuge, que era aceito sem contestação. A situação agora é radicalmente outra, a escolha do parceiro é pautada no ideal de amor e satisfação, reduzindo drasticamente sua permanência no tempo, a depender da capacidade de ambos em sustentar o fato de que a relação sexual não existe. No vislumbre da livre escolha do parceiro, nos deparamos com a exigência de um casamento perfeito, que é perfeitamente impossível.

No âmbito da subjetivação das crianças, observamos pais que se apropriaram dos discursos difusos dos especialistas da infância acerca boas práticas parentais e que parecem ter sido tomados por uma insegurança que míngua o saber espontâneo e intuitivo que poderia surgir no vínculo. Perdidos, tentam encontrar soluções imediatas para suas ansiedades e angústias, porém, o pai Google não tem respostas para a criação de um filho.

Em grande medida, a posição daqueles que se ocupam das funções parentais hoje, é tomar o impossível de educar um filho enquanto incompetência própria, como se fosse possível e desejável uma criação sem restos e desvinculada da subjetividade do cuidador. Desamparados diante do exercício de sua função, podem perder a capacidade de ouvir o que a criança está dizendo quando ainda não pode falar de si e de desagradá-la, quando já falando, lhe demandar os mais diversos objetos de consumo.

Também se deparam com a dificuldade de investimento libidinal nos filhos, já que a oferta de estímulos pela cultura é infinita e está na palma da mão, o bebê de um lado e o celular do outro. A ambivalência relativa à maternidade e à paternidade – provavelmente sempre existente, porém reprimida – também ganhou corpo no discurso social, como exemplo, o livro que também se tornou filme “A filha perdida” de Elena Ferrante.

Os filhos, por sua vez, experimentam relações cada vez mais horizontais que os protegem dos excessos de uma educação punitiva e coercitiva, mas os expõe ao risco da falta de figuras que sirvam de modelo para identificação e transmissão da cultura. Apropriados da tecnologia e conectados ao ambiente virtual, passam a ter cada vez menos contatos com o mundo sem a mediação de uma tela. Geração do quarto, da autolesão, das inúmeras tentativas de suicídio, do sentimento de vazio, da clareza sobre o real do sem sentido da vida e da carência de recursos simbólicos para tecê-lo. Geração do declínio da linguagem, do declínio da função social da imago paterna e das neuroses narcísicas.

Sem nostalgia do passado e sem pessimismo em relação ao futuro, é possível pensar que está sendo constituído um novo modo de viver coletivamente. Se evidenciam transformações políticas e ideológicas importantíssimas que dão espaço para diversidade e expressão autêntica, libertando os sujeitos de condições aprisionantes. Tempo de acesso a informação, aquela que salva vidas e também a que a desumaniza. Tempo de liberdade paradoxalmente transformado em “ter que ser” muitas coisas que podem nem fazer sentido. Tempo de resgatar a partir da psicanálise ao menos um fio que nos conecta com nossa dívida simbólica, para fazer um laço baseado no possível: amores possíveis, parentalidades possíveis, vidas possíveis.

Esse é meu resto, o que ficou marcado em mim a partir desses dois anos de estudos, escrevi e o reescrevi muitas vezes, até me dar conta do impossível da linguagem e decidir falar sobre isso. Encerro com um agradecimento às minhas companheiras de percurso, caminhamos juntas em nossa primeira experiência de Cartel, que foi tão rica e irá deixar saudade.

Referências

Dostoiévski, F. M. Os irmãos Karamazov. Rio de Janeiro: abril cultural, 1973.

Han, Byung-Chul. Sociedade do Cansaço. Petrópolis: Vozes, 2015.

Recalcati, M. Complexo de Telêmaco: pais, mães e filhos após o ocaso do pai.

Ayine, 2022

Roudinesco, E. A família em desordem. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.